

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

A CINEMATECA COM A FESTA DO CINEMA ITALIANO:

A CRÍTICA POLÍTICA SEGUNDO ELIO PETRI

14 e 26 de abril de 2023

### **TODO MODO / 1976**

*Realização:* Elio Petri / *Argumento:* Elio Petri e Berto Pelosso, baseado no romance homónimo de Leonardo Sciascia / *Direção de Fotografia:* Luigi Kuveiller / *Direção Artística:* Dante Ferretti / *Cenários:* Osvaldo Desideri / *Guarda-Roupa:* Franco Carretti / *Música:* Ennio Morricone / *Som:* Alberto Bartolomei, Franco Bassi, Mario Bramonti / *Montagem:* Ruggero Mastroianni / *Interpretação:* Gian Maria Volonté (M., o Presidente), Marcello Mastroianni (Don Gaetano), Mariangela Melato (Giancita, esposa do presidente), Ciccio Ingrassia (Voltrano), Franco Citti (motorista do presidente), Renato Salvatori (Doutor Scalambri), Michel Piccoli ("ele"), Tino Scotti (cozinheiro), Guerrino Crivello (locutor de televisão)

*Produção:* Cinevera / *Produtor:* Daniele Senatore / *Produtores associados:* Francesco Genesi, Giorgio Cardelli / *Cópia digital (DCP), a cores, legendada em inglês e eletronicamente em português / Duração:* 132 minutos / *Estreia Mundial:* 30 de abril de 1976 / *Estreia em Portugal:* cinema Quarteto, a 10 de fevereiro de 1978 / *Primeira exibição na Cinemateca*

Em 1976, ano em que estreou TODO MODO, Itália atravessava um período conturbado em termos sociais e políticos, os chamados "anos de chumbo". Desde o final da década de 1960 que se vinha a verificar uma radicalização da dialética política que se refletia numa crescente violência social e em atos de terrorismo. A nível governativo, a Democracia Cristã estava no poder há trinta anos e o Partido Comunista Italiano começava a desafiar o seu primado (em 1974, os comunistas vencem no referendo sobre o divórcio e, um ano depois, o PCI afirma-se como o grande vencedor das eleições administrativas), assegurando a sua posição como o segundo maior partido do país (mantendo-se, porém, afastado de uma solução de governo devido à sua presumida proximidade à União Soviética). É neste contexto que Enrico Berlinguer, Secretário-Geral do PCI, propõe o célebre "compromisso histórico" - a tentativa de criar uma grande aliança política entre as forças democráticas do país, o Partido Comunista, a Democracia Cristã e o Partido Socialista. Evocando a célebre aliança dos partidos antifascistas durante a ditadura e no imediato pós-guerra, Berlinguer propõe o "compromisso histórico" como uma solução para garantir a democracia em Itália, evitar o perigo de uma possível reviravolta reacionária, combater o terrorismo, enfrentar a crise económica e superar a histórica exclusão dos comunistas do governo ditada pelas dinâmicas da Guerra Fria.

Esta é a conjuntura em que Petri realiza TODO MODO, uma adaptação livre da obra literária homónima de Leonardo Sciascia, lançada em 1974. TODO MODO é "um filme sobre a DC no poder, um filme contra a DC no poder" (Alfredo Rossi), que exprime o ódio e a repulsa que Petri sentia em relação a uma classe dirigente que colocou a Itália à beira do abismo (Jean A. Gili). No mesmo ano, em 1976, estreia o filme de Francesco Rosi, CADAVERI ECCELENTI, cujo argumento é uma adaptação de "Il Contesto", um outro livro de Sciascia. E, como Jean A. Gili observa, ambos os realizadores procuram uma solução para a crise daqueles anos: "Rosi imaginava o assassinato de Enrico

Berlinguer, Petri e de Aldo Moro, cada um deles confrontando-se de maneira diferente com as ameaças de um golpe de estado e com a degradação que governava o país”. Dois anos depois, a História viria a comprovar o triste cenário profetizado por Petri.

Em TODO MODO, vários homens pertencentes à classe dirigente – autoridades políticas e económicas – reúnem-se na ermida de Zafer para realizar os “Exercícios Espirituais”, um método (composto por meditações, contemplações e orações) desenvolvido por Inácio de Loyola, sacerdote espanhol do século XVI, fundador da Companhia de Jesus (Jesuítas), sob o formato de retiro religioso. Se duvidas houvesse relativamente à identidade das personalidades políticas mencionadas em TODO MODO, a interpretação de Gian Maria Volonté (uma sinistra e inquietante caricatura de Aldo Moro), e o personagem de Michel Piccoli (que nos recorda Giulio Andreotti), não deixam espaço para dúvidas. Enquanto os homens se reúnem no seu retiro, o país enfrenta uma epidemia que vai causando cada vez mais vítimas e para a qual a única solução parece ser a vacinação massiva. Talvez Petri tenha procurado uma analogia para o clima social daqueles anos – o surto crescente de violência social e terrorismo; no entanto, quase 50 anos depois, o cenário inicial de TODO MODO revela-se assustadoramente atual.

A ermida de Zafer – na obra de Sciascia, um lugar de culto ao qual é associado um albergue – adquire, na adaptação cinematográfica, o formato de um *bunker*, o local onde os homens de poder se podem refugiar e discutir questões políticas longe dos olhares e do escrutínio do público. Dante Ferretti projeta cenários de extrema austeridade que suscitam esta sensação de isolamento e claustrofobia. A arquitetura moderna – simples e minimal, sem os ornamentos característicos das igrejas, e com as paredes cinzentas de betão armado – é combinada com revisitações contemporâneas de esculturas sacras. Um cenário digno de um filme de ficção-científica apocalíptico. Contribui ainda para este efeito dramático a banda sonora composta por Ennio Morricone, uma peça tocada em órgão - como numa verdadeira cerimónia religiosa – com notas suspensas, e uma harmonia muito dissonante. Uma música sinistra e desconcertante, que lembra as colaborações de Morricone, e da banda de *rock* progressivo “Goblin” com um dos nomes mais importantes do cinema *giallo* e de terror italiano: Dario Argento. A música suporta este universo grotesco, surreal e absurdo, um espelho do comportamento da classe política. Todos estes elementos confluem na criação de um quadro expressionista, acentuado pelas representações dos atores. Gian Maria Volonté, ator predileto de Petri, interpreta o Presidente, uma representação exagerada e grotesca de Aldo Moro, um personagem extremamente dramático. A única figura feminina de destaque, Giacinta (Mariangela Melato), a esposa do Presidente, surge frequentemente em dramáticas cenas de êxtase religioso, desde os encontros secretos entre Giacinta e o Presidente – em que êxtase religioso se confunde com prazer erótico -, à cena melodramática (e delirante) em que a mulher se confessa a Don Gaetano (Marcello Mastroianni). Este universo religioso – com cenas intensas como a oração do rosário, os discursos de Don Gaetano, a meditação sobre o pecado, as confissões – contribuem para o espetáculo dramático.

TODO O MODO é o filme mais simbólico e metafórico de Elio Petri. Numa das cenas que se segue à oração do rosário, os participantes tentam retraçar as posições que ocupavam durante esta última prática, iniciando uma discussão sobre esquerda e direita em que as coordenadas espaciais rapidamente se transformam em referências políticas. No meio dessa confusão, a afirmação do Presidente, “todos sabem, confundo sempre direita e esquerda, foi até feita fácil ironia. Houve uma falta de respeito para com esta anomalia que foi causa de muitos equívocos”, remete-nos imediatamente para as discussões político-partidárias daqueles anos. TODO MODO demonstra a repulsa que Petri sentia em relação à classe política dirigente daquele período, partilhada por tantos italianos. Por essa razão, algumas das suas críticas perdem-se na impossibilidade de

captar o sentimento de uma geração que vivenciou o período atribulado dos anos de chumbo. Contudo, *TODO MODO* não deixa de ser um filme extremamente atual enquanto crítica a uma organização política dominante e, particularmente, a uma instituição abertamente vinculada à igreja católica, que parece praticar muito pouco os preceitos religiosos. Don Gaetano, o padre interpretado por Mastroianni, um homem influente e ambíguo, conduz os Exercícios Espirituais com uma postura severa e intransigente, como um juiz (apesar de não estar livre de pecado). Esse é o tema da primeira meditação: o pecado pessoal. Don Gaetano questiona os participantes “Qual é o vosso pecado? O pecado de um homem de poder.” Concluindo que o pecado não existe, se não houver poder a exercê-lo. “Vocês têm o poder, e não colocam limites ao vosso poder e ao pecado. Mas quanto tempo acham que ainda vos resta? O poder mata, já matou. Já confessaram os vossos pecados perante Deus? (...) Se o que se roubou aos outros pode ser restituído e não é restituído, a confissão para esse pecado não é válida. A confissão só é perdoada quando o roubado é restituído”.

Ao longo do filme percebemos que este retiro tem pouco de religioso, tratando-se de um puro ritual de poder, um encontro para resolver a crise política que o partido enfrenta. E, na resolução que Petri propõe, revela-se o seu pessimismo mais profundo relativamente à classe dirigente: os participantes são assassinados, um a um. O filme adquire assim um toque de *giallo* surreal. A frase de Inácio de Loyla, “Todo modo para buscar la voluntad divina” revela-se a solução para estas misteriosas mortes. Os nomes das entidades públicas geridas por estes homens formam um anagrama da frase do sacerdote espanhol. É o poder político e económico que os conduz à destruição e à aniquilação.

Num ato final, que do mais profundo pessimismo surge quase como uma revolta da classe operária contra anos de corrupção, o presidente é executado pelo seu discreto motorista, interpretado por Franco Citti. Uma vingança que, aos olhos do espectador, ganha ainda mais peso ao lembrarmos que Citti, uma presença recorrente nas obras de Pier Paolo Pasolini, representa no seu primeiro filme, *ACCATTONE* (1961) o subproletariado da periferia romana, que enfrenta situações miseráveis e desesperantes e cujo estilo de vida passa pela sobrevivência quotidiana. Uma leitura cruzada entre estas obras oferece um retrato sobre a evolução social e política de Itália entre os anos 60 e 70. Num texto de opinião sobre a adaptação cinematográfica do seu livro, Leonardo Sciascia refere que *Todo Modo* é um “filme pasoliniano, na medida em que o processo que Pasolini desejava e que não conseguiu intentar contra a classe dirigente democrata-cristã, é hoje feito por Petri. E é um processo que soa como uma execução”. Tal como em *SALÒ O LE CENTOVENTI GIORNATE DI SODOMA* (1975), o último filme de Pasolini, também em *TODO MODO* a classe política dirigente se isola num edifício distante dos olhares da sociedade para executar os seus planos mais ou menos diabólicos. Porém, desta vez, parecem ser os menos poderosos a vencer.

*TODO MODO* estreia em 1976, durante o quinto governo presidido por Aldo Moro. Em 1978, quando Moro é raptado e assassinado pelas Brigadas Vermelhas, *TODO MODO* revela-se assustadoramente profético. A obra deixa de poder ser exibida, a cópia original é encontrada queimada nos arquivos de Cinecittà, e o filme acaba por desaparecer da circulação durante vários anos. Quase cinco décadas depois, *TODO MODO* chega pela primeira vez à sala da Cinemateca Portuguesa.

Sara Oliveira Duarte